

Projeto de antropologia visual

René Marc da Costa Silva*

TEMA:

Etnografia visual fotográfica e videográfica da comunidade rastafari Congo Nya.

OBJETIVOS:

Produzir e interpretar um conjunto de imagens coletadas (fotográficas ou em formato vídeo) na/da/pela comunidade que possibilitem o acesso aos valores, significados, hábitos, modos de vida, visão de mundo e costumes estruturantes da comunidade.

JUSTIFICATIVA:

O interesse maior da pesquisa se justifica pela abertura de possibilidades acadêmicas e políticas que um maior conhecimento e compreensão do *Ethos* próprio da comunidade em questão pode nos propiciar. Equivale dizer, pois, que o estudo aqui proposto talvez nos permita alargar o escopo dos limites da experiência humana e da vivência afro-descendente brasileira e, de muitas maneiras, compreender melhor a ampla diversidade, multiplicidade e riqueza da organização do viver (do comer, do beber, do dançar, se pentear, namorar, casar, etc.) em diáspora do negro brasileiro.

A comunidade rastafari Congo Nya, encontra-se sediada na cidade de São Sebastião, que por sua vez localiza-se a 26 km de Brasília, tem cerca de 64.322 habitantes, com uma renda *per capita* de 1,86 salários mínimos (dados CODEPLAN,2000). Há 3 (três) anos, os membros da Congo Nya fundaram uma ONG, o Instituto Cultural Congo Nya -ICCN, que embora enfrentando incontáveis restrições de ordem econômica e financeira, vem

* Antropólogo e doutor em História pela Universidade de Brasília –UnB, professor do UniCEUB há 15 anos, atualmente no Programa de pós-Graduação, Mestrado em Direito – UniCEUB, é líder do grupo “PADÊ: estudos em filosofia, raça, gênero e direitos humanos”.

desenvolvendo trabalhos voltados para a educação e a cultura, atualmente atendendo cerca de 100 (cem) crianças, com aulas de reforço escolar – língua portuguesa, matemática e língua inglesa; oficinas de costura, crochê, papel reciclável, música, dança, cultura negra...

Aliás, é exatamente o trabalho desenvolvido que lhes fazem pertencer à cidade. Ainda que – é necessário assinalar – tal pertencimento esbarre, sobretudo, em questões relacionadas à raça (negra) e à religião (Rastafari).

CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS:

O trabalho etnográfico em comunidades etnicamente marcadas, por si só, exige uma série de considerações e preocupações teórico-metodológicas que necessitam ser muito claramente definidas e rigorosamente precisadas. Entretanto, mais ainda, quando esta proposta, como já foi acima assinalado, tem como instrumento ou ferramentas nucleares a produção de imagens.

Toda pesquisa antropológica que tenha por objetivo utilizar-se de imagens necessita começar por pensar de que maneira a imagem fotográfica ou em vídeo pode contribuir para ampliar a compreensão dos processos de simbolização dos universos culturais com os quais entram em contato.

Existe tradicionalmente na experiência do trabalho etnográfico uma tensão constante entre a palavra escrita e a imagem. A imagem é, nestes, frequentemente utilizada ou reduzida a uma visualização da antropologia e não como propriamente antropologia visual. Isto significa que, em boa parte das vezes, o produto visual do trabalho se restringe a um apêndice do texto escrito que, por sua vez, domina a forma de representação do conhecimento antropológico.

Esta prática não é simplesmente um acidente do trabalho antropológico ou uma mera ingenuidade. Ao contrário, revela um *a priori*, um modo específico de ver e conceber a produção do conhecimento, uma perspectiva específica de posicionar, significar e produzir o “sujeito” e o “objeto” do conhecimento, de construir discursos de poder/saber ou representações hegemônicas da “verdade” sobre o outro.

Revela muito sobre si mesma, na medida em que enxerga o conjunto de imagens etnograficamente produzidas, reduzido a um simples registro documental da realidade.

Regra geral, a imagem entra nesse tipo de entendimento como um recurso retórico a mais que legitima a veracidade do texto escrito. Texto escrito, que por sua vez, seria o principal veículo que daria acesso ao real ou à verdade do outro. Assim, a imagem é uma “prova”, dá um testemunho “do que de fato aconteceu” e de “como eles são de verdade”. Aqui, o encontro com o outro é realizado a partir de uma razão que *conhece* objetivamente um *outro* dado como objeto, com o qual o *eu* não troca, não interage nem negocia sentidos ou significados. Isto é, um saber que se propõe menos como uma visada, uma perspectiva, uma compreensão construída em conjunto do que um conhecimento que finalmente dominou, subjugou as verdadeiras fontes do real.